

Visitar, sentir e experimentar a pintura de Pedro Calapez

Visit, feel and experience the painting by Pedro Calapez

JOANA DA CUNHA E COSTA CONSIGLIERI DE VILHENA*

Artigo completo submetido a 2 de maio de 2018 e aprovado a 9 de Maio de 2018

*Portugal, professora, investigadora e artista plástica. AFILIAÇÃO: Escola Superior de Educação João de Deus, Centro de Investigação João de Deus, Av. Álvares Cabral, 69, 1269-094 Lisboa, Portugal. E-mail: artjconsiglieri@gmail.com

Resumo: Neste artigo, pretende-se visitar, sentir e experimentar a pintura do artista português Pedro Calapez, na Educação Artística, no domínio das Artes Visuais, em Portugal, no Ensino Superior de Educação. Apresenta-se uma experiência artística a partir da sensação da pintura num espaço de uma galeria, em que os alunos sentem e experimentam o processo da criação como modo de “sensação da cor”. Esta atividade proporciona-lhes uma consciência mais profunda dos conhecimentos artísticos do Programa Nacional e em contexto escolar.

Palavras chave: Educação Artística / Artes Visuais / contacto com a galeria / sensação / produção plástica.

Abstract: *The main goal of this article is to feel and to experience the painting by the Portuguese visual artist Pedro Calapez, in Art Education, in particular Visual Arts, in Portugal, mainly, in teacher training college. It is a study about the artistic experience through the sensation of painting in space of a gallery. The students feel and experience the process of creation as way of ‘sensation of colour’. This activity might provide the students to have a deep conscience through the artistic knowledge of the National Curriculum and Classroom.*

Keywords: *Art and Aesthetic Education / Visual Arts / first-hand experience in gallery / sensation / art production.*

Introdução

Na Educação Estética e Artística, no Ensino Superior de Educação, a aprendizagem das práticas educativas artísticas tem-se orientado para que haja uma maior abordagem conceptual e de experimentação estética das Artes Visuais. Nas recentes práticas pedagógicas artísticas, valoriza-se uma maior abrangência da experiência estética percorrida tanto em contexto escolar, quanto no contacto com museus e outras instituições artísticas.

As práticas artísticas abraçam a experiência de ver, sentir e fazer como uma estratégia mais fluida e criativa em contexto escolar. Com a base experimental de explorar o sentir da obra de arte, foi possível chegar a outras abordagens que se podem criar e produzir a partir de um artista, de que é exemplo Pedro Calapez. Estas estratégias pedagógicas remontam a Perkins (1994) e Les Tickle (1996), os quais introduziram estas práticas junto das crianças o observar e o fazer através do contacto com a obra de arte e os museus.

O presente estudo debruça-se sobre a experiência estética de visitar e sentir a obra de arte no espaço de uma galeria, bem como sobre a compreensão da importância desta experiência como estratégia pedagógica no contexto escolar, aonde marca a diferença, sobretudo, na faixa etária dos mais novos, ajudando-os a entender melhor a obra de arte. Para tal, desenvolve-se a prática do “sentir” com os alunos do 1.º ano, do 1º semestre, do ano letivo 2017/2018, no Ensino Superior de Educação, no Curso da Licenciatura em Educação Básica.

Os alunos visitam um espaço de uma galeria, no caso, a Galeria Belo-Galsterer. Sentem e, posteriormente, produzem através da exploração da cor de um artista nacional contemporâneo Pedro Calapez, numa das suas exposições, intitulada *Tracção e Compressão simples entre limites elásticos*. Assim, compreendem os processos e conteúdos, bem como o que se entende por galeria e por local de exposição. Direccionando-os para a sua futura atividade educacional.

1. “Sensação da cor” no espaço da galeria

Aprofundar a experiência artística e estética leva-nos, enquanto docentes-investigadores, a aplicar novas estratégias, mais fluidas e criativas, na medida em que proporcionam aos estudantes, futuros professores, uma experiência visual rica e dinâmica em reflexão, conhecimentos e processos de criação, com o objetivo de que possam a ser realizadas em contexto escolar, na Educação Artística.

Esta experiência dinâmica sobre a pintura no espaço provém, de certo modo, de Perkins (1994), que contribuiu para uma mudança conceptual na pedagogia artística nos fins do século XX, o que está patente nas suas palavras:

Look for specific 'technical' dimensions. Ask yourself to notice colors and how they relate; the major shapes and how they balance or unbalance one another; the use of line, jagged, smooth, quick, careful. (Perkins,1994:55).

Levantar questões que nos façam pensar sobre arte foi uma mais-valia em Perkins, tornando-se uma das pedagogias mais eficazes na atualidade, visto que os alunos aprendem temas e adquirem conhecimentos a partir de uma abordagem experimental e, simultaneamente, conceptual, em contexto escolar. Aprender a observar, a sentir e a experimentar revelou-se um excelente instrumento de trabalho. Todavia, proximidade com a obra de arte no espaço de uma galeria, ou de outra instituição, é sempre uma experiência inovadora e de uma enorme aventura. Os alunos criam constantemente expectativas nas experiências *in loco* em galerias, ou de outra qualquer instituição, cuja dimensão e escala quase sempre lhes escapa, na medida em que não estão muito familiarizados com as conceções estéticas nos espaços artísticos. Acrescenta-se, assim, uma nova experiência e compreensão do que se entende por arte, nomeadamente, qual a intenção do artista na criação de uma obra de arte.

Percecionar uma obra no espaço obriga o aluno a desconstruir estruturalmente aquilo a que está habituado. Geralmente, a obra de arte é percecionada por meios digitais, ou então por reproduções bibliográficas, na melhor das hipóteses. Ora, desta forma, a obra de arte perde a sua “verdadeira” dimensão estética, a “aura”, tal como a designou Walter Benjamin (1992), por revelar a importância da obra no “aqui e agora”, isto é, no espaço e no tempo.

Embora Walter Benjamin (1999) esteja temporalmente longe da atualidade, bem como de algumas das vigentes questões, na medida em que a sua visão perante a reprodutividade da obra de arte teria um lugar mais otimista, o de aproximar a arte às massas, verificamos que tal não acontece. Todavia, há que salientar a relevância do seu pensamento por possibilitar a abertura de um novo caminho para a Educação Artística. Os alunos são constantemente bombardeados por imagens que refletem mais um aspeto viral e sufocante da sociedade do que propriamente a frescura da inovação, da criação e do processo que a obra de arte possa ter. Sendo, assim, crucial a interpretação, a exploração e a manipulação dos materiais para a criação e produção de aprendizagem das linguagens plásticas, tal como argumenta Queiroz:

A educação pela arte faz-se através dos materiais, da sua operação, da transformação das matérias em ideias novas, em novas coisas. No seu sucesso está implicada uma literacia, uma capacidade interpretativa, ou crítica, sobre a semiosfera cada vez mais povoada, saturada, de mensagens parasitárias. (Queiroz, 2015:14)

Todavia, trabalhar com os “originais” gera uma outra dimensão da obra de arte. Voltando a relembrar Walter Benjamin, a reprodução não tem o “aqui e agora”, destrói a experiência de sentir da obra de arte, tal como manifestara Day e Hurwitz:

How often we feel we know a work of art through a study of reproductions, only to be overwhelmed on first seeing the original! Colors, brushstrokes, textures, and sometimes the scale of the work are never adequately conveyed by a reproduction. (Day e Hurwitz, 2012:210-1).

A experiência de estar no espaço é sempre uma aventura e coloca os alunos a pensarem sobre as novas situações e a construir um juízo crítico sobre elas. A título de exemplo, a volumetria das formas que se deslocam num espaço e se revelam em “objetos-tridimensionais” (Judd, 1994); a escala das obras de arte e a forma como elas ocupam o espaço ou a parede; a mudança da luz e sombra numa obra de arte; e, por fim, as vibrações que as cores emanam de acordo com o seu suporte. Estabelecendo, assim, uma dinâmica entre o espectador, o aluno e a obra de arte, neste caso, a pintura de Pedro Calapez. O diálogo surge com a percepção, a interpretação e o sentimento estético.

Todavia, a galerista levanta algumas questões de modo a orientar a reflexão do que vêem. Oferecendo a informação, história e estilo da pintura através de pequenos detalhes, ou suscitando interesse e edificando pontes entre o título e a pintura do artista, incute uma maior atenção. Elucida sobre certos pormenores que habitualmente nos escapam. De certo modo, evidencia as conexões da pintura pós-moderna. É possível que a intenção do artista com a pintura seja tornar a cor sinónima de vibração e energia, e, para isso, revela também uma influência da Física, quando se usa a designação de «tracção» (cf. texto da galeria):

1. *Ação de uma força que desloca Objeto móvel*
2. *Ato de deslocar*
3. *Força mecânica que provoca um alongamento num corpo sólido* (Galsterer, 2017)

Relembramos, por isso, Les Tickle por anunciar a necessidade de estabelecer o significado, o tema ou valor na arte pós-moderna na Educação, na medida em que se revela uma das respostas para melhorar a contextualização do universo das artes: “(...) it is necessary I believe to ensure that pupils’ learning utilises their contact with art objects as inspiration, stimulus and resource.” (Les Tickle, 2004: 26)

2. Sentir e “fazer” segundo a “sensação da abstração”

O processo da cor e da abstração da forma como uma prática estética é adquirido segundo a “sensação” (Deleuze, 2003), enquanto a prática do fazer. Estão também aqui patentes as influências oriundas do “pensar em arte” (Perkins: 1994) de acordo com a vanguarda da pedagogia conceptual artística. Os alunos pensam na cor, na matéria, na técnica, na forma e no espaço, como ato e gesto artístico da produção e da criação. Através do “sentir”, descobrem a obra plástica de Pedro Calapez. Percecionam, sentem e produzem as suas obras consoante a “sensação” da abstração, tal como podemos ver na Figura 1. Recordamos, assim, as palavras da galerista, que expressam o ritmo da cor numa análoga dimensão do “sentir” através de um “concerto visual”:

Ao percorrer os vários espaços da galeria, o ritmo que emana das obras tornar-se-á mais denso e forte, como num concerto visual passamos de um allegro para um andante e voltamos, quando percorremos o espaço de uma sala para a outra. (Galsterer, 2017)

Surge, neste processo de descoberta da sensação, a experimentação estética, em que os alunos exploram a sua experiência com o discurso artístico, realizando as produções plásticas. Foram selecionados, do ano letivo 2017/2018, três exemplos relevantes de alunos (doravante, alunos A, B e C). Cada um executou de acordo com as vivências estéticas percecionadas no espaço. Primeiro veem e sentem e, depois, fazem as suas “sensações”.

O aluno A (Figura 1) explora as cores segundo as formas, os ritmos e o espaço. Cria a partir do “sensação do espaço” da galeria, elaborando uma ilusão de uma “miniatura-instalação”, como se fosse um pequeno jogo infantil ou uma brincadeira de crianças. Vivenciou o prazer de fazer como se a cor tivesse vida própria: a cor ganha uma espécie de movimento orgânico, nas formas geométricas, cujos ritmos produzem no espaço da folha de papel.

O ritmo, a abstração e a cor permitem uma abertura do olhar que se pode explorar e descobrir através da obra de arte.

Divergindo percursos e processos de criação. A forma estética ganha outros significados, abstratos e fluidos, numa expressão similar ao movimento abstrato da música. Os alunos compreendem a conceção do espaço e do tempo, bem como da cor e da forma, que emana das obras plásticas do artista. Sentem a luz e a sombra na obra de arte e no ambiente.

Com o artista plástico Pedro Calapez, os alunos brincam com as formas, já suas conhecidas, para concretizarem outras percepções inesperadas do “fazer”. Experimentam as formas geométricas e a cor como sensação e luz



Figura 1 · Trabalho de aluna A (1.º ano do Curso de Licenciatura em Educação Básica, do Ano Letivo 2017/2018). Fonte própria.

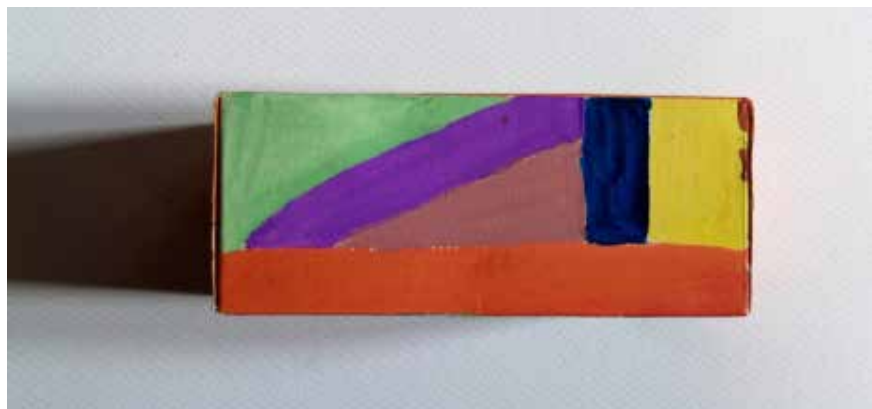


Figura 2 · Trabalho de aluna B (1.º ano, do Curso de Licenciatura em Educação Básica, do Ano Letivo 2017/2018). Fonte própria.

Figura 3 · Trabalho de aluna C (1.º ano, do Curso de Licenciatura em Educação Básica, do Ano Letivo 2017/2018). Fonte própria.

(Figura 1, Figura 2 e Figura 3). Descobrem novos significados para a abstração da cor, isto é, ora como “sensação” (Figura 1 e Figura 3), ora como “expressão pura formalista” (Figura 2).

Conclusão

Algumas das recentes abordagens de investigação conjugam a experiência estética com as atividades artísticas em contexto escolar. Descobrem-se novas estratégias educativas, em que se valoriza o processo do “fazer” através do incentivo ao sentir a obra de arte. O aluno apreende melhor a sua aprendizagem artística, conseguindo superar as suas expectativas e dificuldades, de modo a elaborar as suas produções com mais ânimo e destreza. A possibilidade de explorar as matérias e materiais nos seus diversos significados e experiências advém da experiência *in loco*. A pintura evidencia a sua essência — escala, valor e significado. A cor desvela vibração e movimento. O objeto transmite luz e sombra.

Cada aluno executa a sua produção de acordo com o tempo e o espaço. Através da “sensação da cor”, explora a riqueza da experiência abstrata, na temática e na cor. Esta atividade artística estimula os alunos a serem mais criativos e flexíveis, bem como independentes e perseverantes. Sentem-se mais confiantes na descoberta das suas próprias soluções, sem lugar para a desmotivação com o erro ou o desconhecido.

Enquanto futuros educadores de Infância e professores do 1º e 2º Ciclos, esta experiência estética permite uma maior espontaneidade da aprendizagem e uma melhor compreensão das temáticas, matérias e conhecimentos. Por outro lado, faculta algumas noções que propiciam o encontro do seu próprio caminho. Desta forma, conseguem introduzir instrumentos educativos nas aulas e dar às crianças motivação, confiança e perseverança para ultrapassarem os obstáculos sentidos ao longo das diversas atividades das expressões visuais, levando-as, assim, a sentir o espaço, o tempo, a forma, a cor e a textura.

Em suma, na Educação Artística, enquanto professores-investigadores do Ensino Superior, fomentamos a perseverança na procura e na descoberta de atividades educativas de qualidade, que entusiasmam a compreensão do “pensar em arte”, de modo a sentirem e a entenderem a obra de arte contemporânea. Incentiva-se, desta forma, os alunos a experimentarem a criação e a solucionar novas formas imaginativas de fazer. Beneficiando, sobretudo, a capacidade criativa e a curiosidade pela investigação a partir do prazer de produzir arte.

Referências

- Benjamin, Walter (1992). "A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica", in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água. pp. 71-113.
- Benjamin, Walter (1999). "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction", in *Illuminations*. Londres: Pimlico. pp. 211-244
- Day, Michael & Hurwitz, Al (2012). *Children and Their Art: Art Education for Elementary and Middle Schools*. International Edition: Wadsworth, Cengage Learning. ISBN-10: 1-111-34198-2
- Deleuze, Gilles (2003). *The Logic of Sensation*. London & NY: Continuum. ISBN 0-8264-6647-8
- Galsterer, Alda (2017). *Tracção e Compressão simples entre limites elásticos*. Lisboa: Galeria Belo-Galsterer.
- Judd, Donald (1994). "Specific Objects", in Harrison, Charles & Wood, Paul (ed.). *Art in Theory, 1900-1990. An Anthology of Changing Ideas*. USA: Blackwell Publishers. pp. 809-810 ISBN 0-631-16575-4
- Les Tickle (ed.) (2004). *Understanding art, art in primary schools. Cases from teachers' research*. London and New York: Routledge. ISBN 0-415-13031-X
- Perkins, David N. (1994). *The Intelligent Eye. Learning to think by Looking at Art*. U.S.A.: Getty Publications. ISBN 978-0-89236-274-5.
- Queiroz, João Paulo (2015). "A educação pela arte faz-se através dos seus materiais", *Revista Matéria-Prima, Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário*, Vol. 3, nº 2, julho-dezembro 2015, pp. 14-18 ISBN 978-989-8771-25-4